



SÍNTESE DA CONTRIBUIÇÃO DAS COMUNIDADES

*Todos perseveravam unânimes na oração,
juntamente com Maria, a Mãe de Jesus. (cf. At 1,14)*

1 - COMO MARIA-MARTA, PERMANEÇAMOS NO CORAÇÃO DE JESUS

1. “Penetrar o Coração de Jesus e esposar todos os seus sentimentos”: vivência concreta deste aspecto da espiritualidade FDZ

- 1 O coração é o órgão que impulsiona a vida. Associamos a ele o que temos de mais belo: os sentimentos. Ele é alma para a vida do nosso corpo. É dentro do Coração de Jesus que encontramos vida e sentido para nossa vida de Filhas do Divino Zelo, para a nossa vocação e consagração ao Rogate. Penetrando nEle descobrimos motivos para amá-lo, abraçá-lo e servi-lo, pois viver o Rogate é sentir o que Jesus sentiu diante do mundo e da humanidade. Ser Filha do Divino Zelo é fazer dos sentimentos do Coração de Jesus os próprios sentimentos pelo Reino de Deus e pela salvação das almas.
- 2 Penetrar o seu Coração é buscar sempre mais a intimidade com o Senhor na oração pessoal e comunitária, na entrega da vida, na oferta cotidiana, na vivência dos Sacramentos, no silêncio, na humildade, na comunhão, no serviço, nas relações interpessoais, na reciprocidade. É fazer um caminho “para dentro”, uma travessia que exige disciplina, ascese, renúncia, doação, fé e perseverança. É adentrar o seu Coração sem superficialidade. Trata-se de um espaço, onde não cabe julgamento, mas o amor misericordioso e compassivo. Assim, construiremos a ponte de travessia entre o nosso coração e o Coração de Nosso Senhor. A dimensão contemplativa da consagração nos direciona para o serviço que é fruto do Amor do Coração daquele que primeiro nos amou. Sabemos que é um desafio alcançar esta união com o Coração de Cristo. Ser como Ele e agir como Ele agiu é um perene compromisso de abertura à Graça. Mas, se nos deixarmos conduzir por seu Coração Misericordioso, mesmo diante das dificuldades venceremos, ou melhor, Ele vencerá em nós.
- 3 O conhecimento de Jesus é o itinerário para caminharmos juntas na partilha das fragilidades, limites, fraquezas, dons e serviços. É onde renovaremos nossas esperanças e nossa capacidade de amá-Lo com intensidade, de compreender o seu imenso Amor por nós e de amar e servir aos irmãos, especialmente aqueles mais sofridos e abandonados. Quando mergulhamos no Evangelho, “Rogai pois...”, encontramos em Jesus, em Suas palavras e ações, a inspiração e motivação para sermos FDZ doando-nos ao apostolado com zelo e ternura para com a messe abandonada, que nos é confiada.
- 4 Essa experiência nos leva a compartilhar dos seus sentimentos e interesses, *sentir com* e nos entregar à missão onde estamos. Torna a nossa consagração uma oblação generosa, constante e compassiva, capaz de acolher as aflições do povo, que são as mesmas do Coração de Jesus. Faz-nos agir com sensibilidade e responsabilidade, vivendo cada dia o acolhimento fiel do que Deus, na sua infinita bondade, nos propõe, sejam desafios ou esperanças, sendo instrumentos do bem em todas as circunstâncias. Para isto, precisamos superar a tibieza e nos colocar na dinâmica da conversão e entrega total ao Senhor.

- 5 Viver o Rogate é penetrar o Coração de Jesus, lá onde residem suas ânsias, seu zelo pela humanidade e de onde brotaram as divinas palavras: “A messe é grande... pedi, pois...”. É entrar dentro desse Coração para sentir com Ele o seu Amor e assumir todos os seus interesses. Conscientes de nossas limitações e imperfeições e que temos um longo caminho a percorrer, queremos nos conformar a Ele, contando com Sua graça.
- 6 Contamos ainda com a ajuda daquela que mais penetrou nos sentimentos do Coração de Jesus, sua mãe Maria. Durante toda a vida de Jesus, o Coração Imaculado de Maria esteve ligado ao Coração do seu Filho e, por isso, ela o conheceu plenamente. Maria Santíssima entregou-se inteiramente ao seu Filho e ao seu Deus, assumindo fazer em tudo a sua vontade e, por isso, não se deixou seduzir pelo pecado. Seu Coração pertencia inteiramente ao Senhor. Ela é nosso modelo e com ela, aprendemos a penetrar no Coração do Filho e a fazer tudo o que Ele disser.

2. Missão de “Maria-Marta” na vivência da consagração: vida espiritual, intimidade com o Senhor e os frutos do apostolado

- 7 Somos chamadas a viver como Maria-Marta, na oração-ação, seguindo o exemplo de nosso Santo Fundador, no seu imenso amor a Jesus e a Maria, acolhendo o projeto de Deus para a nossa vida e procurando fazer a sua vontade. Seremos fiéis à nossa consagração, se acolhermos o chamado de Deus à santidade, procurando viver dentro do seu Coração, assumindo os seus ensinamentos e os seus sentimentos para com o próximo. Reconhecemos, porém, que muitas vezes nos identificamos mais com Marta do que com Maria. Contudo, estamos nos empenhando em estar com o Senhor para d’Ele partir em ação. A busca é cotidiana, exige perseverança. Só a intimidade com o Senhor pode nos levar a experimentar sua misericórdia e salvação.
- 8 Viver a dimensão “Maria” é viver uma união íntima com Jesus. É penetrar o seu Coração Dulcíssimo e abastecer do Seu Amor. Viver a dimensão “Marta” é transformar este Amor em ação: acolhimento, doação, compaixão, zelo, cuidado... é amar sem olhar a quem, na pureza de coração, com gestos, palavras e ações. O encontro com o Senhor nos proporciona alegria, abre o nosso coração a novas graças e luzes, nos torna agradecidas e renova em nós a vontade de servir, de ser operária. Este encontro pode se dar através da oração, da leitura e meditação da Palavra, da adoração ao Santíssimo Sacramento e de tantos outros meios. Quando não cultivamos esse tempo de encontro com Ele, nossa vida perde o sentido, surge o cansaço, a reclamação, o desânimo e a insatisfação. Todo e qualquer apostolado que não nasce desse encontro verdadeiro com Jesus, torna-se um simples altruísmo e projeção.
- 9 Nosso apostolado é reflexo da intimidade com Deus, nossas ações são frutos da oração. Quando conseguimos integrar em nossa vida a dimensão “Maria-Marta”, o apostolado torna-se profícuo, tudo flui com mais serenidade, agilidade e alegria. É fundamental o nosso empenho em estar com o Senhor para fortalecer nossa esperança, nossa fé e garantirmos nossa perseverança e fidelidade.
- 10 Olhando para Maria-Marta, percebemos a importância de dar prioridade a nossa vida de oração: pessoal e comunitária. É necessário nos libertarmos do ativismo que nos assalta, e caminharmos rumo a uma vida de oração com qualidade, permitindo que Maria e Marta se deem as mãos dentro de nós e, no equilíbrio, nossa missão será eficaz. A oração possa iluminar a ação e a ação seja a expressão da oração e que os frutos sejam a escuta, o diálogo, a acolhida, a paz. Aproveitemos: é tempo de *kairós*!

3. Aspectos dessa dimensão da espiritualidade FDZ: fortalecer pessoal e comunitariamente

Pessoalmente:

- 11 À medida que aperfeiçoamos nosso “ser”, que buscamos nossa própria santificação, iremos aperfeiçoar nosso fazer, fortificar e fazer crescer também a nossa Província. Precisamos nos empenhar em resgatar a vida de oração, a vivência dos Sacramentos, a busca de ajuda espiritual, uma verdadeira conversão, o silêncio, o espírito de sacrifício, a humildade, a acolhida às necessidades das

pessoas, seja da Comunidade quanto da Província, através da abertura, do diálogo, da convivência fraterna, da disponibilidade na missão e com menos projeções pessoais.

12 Quando priorizamos e qualificamos o tempo de oração pessoal e comunitária, a partilha, a qualidade das leituras espirituais, a frequência e perseverança aos Sacramentos, as orações devocionais do Instituto, a vivência das virtudes, a fidelidade na resposta ao chamado de Deus e à missão, estaremos fortalecendo o espírito de fraternidade e testemunhando o carisma como fonte de espiritualidade que gera vida. Tornamo-nos pessoas dignas, humanas e revigoradas para enfrentar e superar as dificuldades, dando o melhor de nós mesmas, unidas pelo bem comum.

13 Vivenciar as festas litúrgicas da Igreja e do Instituto com entusiasmo, a dimensão Mariana, buscando em Maria o modelo do discipulado e do serviço ao Senhor. Deixando-nos transformar pelo Amor que nos amou, nos escolheu e nos consagrou, a nossa espiritualidade se fortalecerá em todas as suas dimensões e assim, aprenderemos a compaixão e o amor pela humanidade, pela messe abandonada, e vivenciaremos de forma autêntica a nossa vida espiritual, carismática e missionária.

Comunitariamente:

14 Assumir e aprofundar a tríplice dimensão da espiritualidade: Cristocêntrica, Mariana e Rogacionista. O crescimento e fortalecimento se dará a partir do cultivo e da partilha da vida de oração, da vida fraterna, do aprofundamento de nossa espiritualidade carismática. Uma vida espiritual consistente fortalece nossa vivência comunitária, pois, nos ajudará a superar com paciência e sabedoria os desafios, ainda que intensos. Nos permitirá alegrar pelo que a vida nos oferece, pelas conquistas, avanços, e nos tornará mais unidas.

15 Quando a Eucaristia for o centro de nossa vida e da nossa ação e o amor profundo a Deus e aos irmãos reinar em nossos corações, o amor estará internalizado em nós, as dificuldades, os desafios e os medos se dissiparão. Devemos qualificar as nossas liturgias, a Leitura Orante da Palavra em comunidade também proporcionará crescimento na fé e na partilha das experiências que enriquecem a vida fraterna.

2 - O AMOR A MARIA É A CHAMA DE AMOR QUE FORMA OS SANTOS

1. Maria Santíssima em minha vida: incidência em minha espiritualidade pessoal e na vivência comunitária

16 Desde os primórdios de nossa história, Maria Santíssima está presente como caminho de santificação. Com Ela nosso santo Fundador fez todo o seu percurso vocacional. Ela o ensinou a amar Jesus Cristo com uma ternura especial, própria da Mãe que ama e quer ver amado seu dileto Filho por todos os corações.

17 Em nosso percurso, percebemos que estamos redescobrimo o amor a Virgem Santíssima, dando-lhe o espaço que lhe pertence em nossa história pessoal, comunitária e institucional. Ela é nossa Senhora e Rainha, esperança de nossa peregrinação em busca de estar em Cristo e a Ele nos configurar plenamente. É a Bela Mãe que nos devolve a Nosso Senhor, é aquEla que desejamos contemplar na eternidade e por suas mãos misericordiosas chegar diante do Filho. Com nosso Fundador podemos dizer que é a Mãe que gera Cristo em nossa vida e que ao mesmo tempo nos molda para Ele.

18 Maria Santíssima é a Mãe a quem tudo confiamos. A Ela nos consagramos diariamente, para em sua escola aprendermos o discipulado, aprendermos a amar como Jesus amou. É a Mãe que nos protege, consola e fortifica nos desafios de cada dia. Sua presença nos dá segurança, nos dá fortaleza para combater os pecados que ferem o Coração do Filho, mas também nos levanta nas horas em que caímos, seja pelos males cometidos ou pela Cruz que nos pesa diariamente. Ela é a luz que buscamos

nos momentos de escuridão, é a grande Estrela Matutina, que nos desperta das trevas de nossos pecados para amarmos Nosso Senhor com todo o Amor que Ele deposita em nossos corações.

- 19 As virtudes de Maria Santíssima nos lembram o quanto somos pequenas, o quanto somos falhas em nossa consagração. Mas, essas mesmas virtudes nos alegram, pois falam da grandeza do Amor de Deus para conosco, que nos deu uma Mãe tão Bela, tão Terna, tão Serva, tão Misericordiosa. No dizer de Santo Aníbal Maria, Deus a criou juntando as mais puras belezas existentes na criação, e nos deu-a por Mãe. Ao seu sorriso, Ele próprio sorriu e veio habitar entre nós!
- 20 A primeira a acolher a Palavra, a que deu de sua carne para que o Verbo se fizesse Carne, nos ensina a acolher a Palavra em nosso ser, para que essa Palavra se encarne em cada atitude, em cada gesto de amor e serviço que exercemos na missão. Com Ela Nosso Senhor aprendeu a ser humano; Ela, na entrega de sua vida, cuidou com ternura e zelo do amado Filho, e conhece como ninguém as profundezas de seu Coração Santíssimo; Ela, nossa Mãe e Mestre, pode nos formar na mesma escola de Nosso Senhor.
- 21 Em Maria temos a certeza de um porto seguro, de um refúgio que acalenta, de um coração materno que perdoa e educa. É a Mãe que nos ama e nos protege, que nos acolhe como somos e nos ensina a crescer na direção de Jesus Cristo. Nela temos a certeza de uma Mãe a quem podemos recorrer. É a Mãe de Misericórdia que nos ama, nos educa e nos cuida, como fez com Jesus, seu Filho Amado.
- 22 Essa Mãe, Amante e Amada, nos educa na medida em que nos entregamos à Misericórdia de Deus. Sim, pois render-se a Misericórdia de Deus é deixar que Ele nos cumule com bênçãos e graças que nem ao menos podemos mensurar, dentre as quais, a mais bela que poderia nos ser dada após Cristo Nosso Senhor, é a Mãe, a Mãe que nos acalenta e nos lembra diariamente que temos um lar definitivo a nos esperar, e que lá, nós e todos aqueles que amamos, estarão eternamente reunidos contemplando a Misericórdia de Deus.
- 23 Maria é nossa inspiração na maneira de acolher e vivenciar nossa consagração. Com Ela queremos aprender a ser FDZ, a assumir nosso apostolado como verdadeiras ouvintes da Palavra, mulheres consagradas que ouvem a Palavra, abraçam a vontade de Deus no espaço de seu ser frágil e limitado, e permitem que o Senhor seja o protagonista de todo o nosso ser e agir, do orar e do doar-se pela Messe. Ela nos ensina a fazer a vontade do Pai, sob sua condução queremos “fazer tudo o que Ele nos disser”.
- 24 Ela é o perfeito Modelo para nossa consagração. Com seu testemunho nos ensina a abrir o coração para o amor, e por esse mesmo amor nos ensina a viver a pobreza, a castidade, a obediência e o zelo pelo mandamento do Rogate. Com Maria aprendemos a amar o Filho, a desejar cuidar de seu Corpo ferido que é a mística messe. Ela nos ensina como doarmo-nos, como entregar a vida pelo Cristo que sofre na coirmã doente que se encontra em nossa comunidade, na criança desnutrida que vem ao nosso encontro, nos pobres que estão abandonados nas calçadas, nos doentes que agonizam nos hospitais, nos jovens que não encontram sentido na vida, nos que possuem uma condição econômica satisfatória mas que não conhecem a Deus e sua Misericórdia. Com Ela aprendemos a fazer de nossa vida um constante “Fiat”, sempre pela entrega do amor que o Senhor depositou em nossos corações. Maria é nosso modelo de prontidão no serviço pela Messe sofredora.
- 25 Ela é modelo para nossa vivência comunitária. Em suas virtudes encontramos um caminho seguro para traçarmos nossa convivência fraterna. Ensina-nos a ouvir, a acolher, a respeitar, a silenciar, a oferecer a Deus cada momento seja de alegria ou dor, a guardar no coração o que fere sem desistir de amar e fazer-se dom na vida do Senhor.
- 26 Queremos nos confiar cada dia mais a Virgem Santíssima, sermos por Ela formadas para mais e mais nos assemelharmos ao Filho. Queremos que Ela nos ensine como amar Jesus e alcance de seu Coração o amor que precisamos para amá-lo. Buscamos em nosso cotidiano essa proximidade através da

meditação da Palavra, da reza do santo terço, da consagração diária, da recitação do Magnificat, de nossas devoções pessoais e institucionais, do serviço humilde e silencioso de que quem deseja em tudo fazer a vontade do Pai. Ela é escola de santidade para a FDZ.

27 Porém, percebemos que precisamos caminhar mais próximas de Maria. Não queremos que nossa devoção a Virgem Santíssima seja algo transitório ou relativo, a qual recorreremos apenas em estações de nossa vida. Como bem disse nosso santo fundador, Maria é a “carteira de identidade” de nosso Instituto, nossa Mãe, Mestra e Superiora, e a seu exemplo queremos que Cristo ocupe todos os espaços de nossa existência, ao ponto de afirmarmos com o apóstolo, “já não sou eu quem vivo, mas Cristo quem vive em mim”. Para chegar a Cristo, Maria é nossa segurança, nossa condutora, não podemos dedicar a Ela um amor tíbio e relativo. Precisamos intensificar esse aspecto de nossa identidade FDZ.

2. Como as Virtudes de Maria Santíssima conduzem minha vida, meu ser FDZ

28 Reconhecemos em Maria uma fonte perene de virtudes que nos inspira a buscar uma vida de santidade. Sabemos de nossa pequenez para vivermos no exemplo de nossa Rainha e Senhora, mas confiamos que podemos contar com a intercessão dessa mesma Mãe de Misericórdia, Ela que nos apresentará à Jesus no momento de nossa Páscoa definitiva e que para isso, desde já, nos conduzirá para Ele a cada passo de nossa história.

29 No âmbito das virtudes marianas, gostaríamos de destacar a virtude da humildade. Nossa Mãe espantou-se com a saudação do Anjo. A pureza de seu coração, formado por toda a delicadeza de Deus, tomado pela Graça que abundantemente Deus derramou sobre sua bela criatura, não permitiu que a soberba e a vaidade conduzissem sua vida. Que a bela e pura Mãe que espanta-se com a saudação divina, e proclama-se a serva do Senhor nos ensine. O Senhor quis que sua serva se tornasse sua Mãe, deu-se a Ela antes que a qualquer criatura, e nem assim Ela reconheceu qualquer grandeza em si. Sua humildade proclamou a verdade de sua pequenez. Foi o Amor de Deus que a exaltou. A humilde serva foi tomada por uma Misericórdia ímpar, que a fez fiel do princípio ao fim, da Encarnação à Cruz, dando-lhe a glória de estar no céu, junto de seu dileto Filho, intercedendo por toda a Igreja Padecente e Militante, e certamente, muito alegrando a Igreja Triunfante que já se encontra em sua presença.

30 Ela que tudo guardou em seu coração nos convida a alargar os espaços de nossa tenda interior para melhor acolher a Deus e a seus desígnios. Com Maria aprendemos que a vontade de Deus pode ser assumida não apenas nas ocasiões em que pensamos ser fortes o suficiente para sermos fiéis. Ela nos mostra que, em nossa pequenez, na entrega confiante ao Senhor Misericordioso, podemos ser fieis ao que Ele nos confia, porque é Ele que é verdadeiramente Fiel. Silenciar, acolher, confiar, deixar que a fé cresça em nossos corações e que o Senhor da história conduza nosso viver, é uma graça que queremos aprender com a Virgem do Silêncio, aquela que em todos os momentos, inclusive nos de maiores sofrimentos, deu a Deus seu coração.

31 A Rainha de nossos corações, terna e forte, nos ensina a ter fé, esperança e caridade. Motiva-nos a enfrentar os desafios da vida com coragem e amabilidade, com determinação e delicadeza, com simplicidade e ousadia, com o equilíbrio próprio de quem é gerado no Amor indizível de Deus. Assim como nós, Maria enfrentou as agruras de cada dia. Desde o princípio, uma espada de dor traspassou seu coração. Não podemos nos esquecer que nossa Mãe enfrentou aqueles sofrimentos que também nos atingem. Imaginemos as dores de seu coração ao ver seu Filho revelando-se dia após dia o Servo Sofredor, o Cordeiro a imolar-se por seu povo. Maria não estava indiferente aos sofrimentos de seu povo, as dores carregadas por toda a humanidade, e tão pouco ao destino de seu Amado Filho e Senhor. Isso não fez com que Ela perdesse a confiança em Deus, permaneceu fiel e coerente a vontade do Criador. Sua vida foi entregue por inteiro e definitivamente a Deus.

32 Maria, aos pés da Cruz, é modelo de Amor Fiel a Deus e à missão que lhe foi confiada. A dor dilacerante de ver sofrer e morrer seu Amado Filho não foi o suficiente para que voltasse atrás no Sim dado a Deus. Sua fidelidade, sustentada pela Graça de Deus que se derrama e se mantém Fiel sempre, nos ensina o caminho da verdadeira entrega, do serviço desinteressado que doa a própria vida, participando da Cruz de Cristo, pela Salvação da humanidade. Sua dor não impediu que a compaixão se derramasse de seu Imaculado Coração sobre toda a humanidade perdida por seus pecados. Aos pés da Cruz torna-se Mãe da Igreja, Mãe da humanidade, e permanece fiel ao Sim dado a Deus na Encarnação do Verbo. A serva do Senhor assume a humanidade e permanece servindo-o em cada filho(a) de seu Sacratíssimo Coração.

33 Na simplicidade, no escondimento, no desapego as honras e poderes, na entrega confiante a Deus e a seus desígnios, Maria de Nazaré, Maria de Jerusalém, Maria do Cenáculo, Maria de tantos nomes e lugares, segue servindo a Deus no cuidado paciente com a humanidade cada dia mais ferida por seus próprios pecados. Ela que traz no Coração todas as dores do Filho Amado, abandonou-se a si mesma para cuidar dos interesses de Deus, para cuidar dos segredos que aprendeu no Coração do Filho. Tudo por Amor a Ele e não a si. Sua vida foi a plena obediência ao que escutou e aprendeu com o Deus que formou em seu ventre e revestiu com sua carne. Com Ela queremos aprender a amar, a nos abandonar em Deus, a deixar que os interesses do Coração Santíssimo de Jesus sejam nosso único interesse ao ponto de ao buscarmos-nos não mais nos encontremos, mas encontremos somente Ele e nEle possamos repousar.

3. Aspectos dessa dimensão da espiritualidade FDZ para fortalecer pessoalmente e em comunidade

34 Precisamos fortalecer o amor, a devoção e a vivência das virtudes de Maria, em nossa vida pessoal e comunitária. Percebemos que tudo nos vem com certa clareza discursiva, porém, nos falta sentir “arder o coração” quando nos referimos a essa Bela Mãe que Deus nos deu. Parece que racionalizamos demais práticas tão simples e puras que nos ajudam a estreitar nossos vínculos com nossa “Mãezinha do Céu”. Não queremos dizer com isso que, fé e razão não devam caminhar em unidade. Mas, queremos chamar atenção para a fé pura de nossos antepassados, em especial de nosso fundador, que com tanto carinho e devoção fazia as procissões e demais práticas em honra a Virgem Santíssima em meio às religiosas, aos sacerdotes, aos órfãos, e incutia neles um amor verdadeiramente filial à Virgem Santíssima.

35 Resgatar a pureza de nossa fé, a docilidade de nossos atos, o cuidado com nossas liturgias e festas marianas, o bom gosto na escolha das imagens sacras que colocamos em nossas casas e obras, os gestos ternos e delicados para com as imagens de Nossa Amada Rainha, etc, são pequenos sinais que podem nos ajudar a melhor experimentar e testemunhar o amor a Senhora da Rogação Evangélica.

36 De maneira belíssima nossas comunidades apontam a oração do santo terço e a consagração diária à Santíssima Virgem como um caminho de fortalecimento para nossa espiritualidade mariana. Vale lembrar que todo o ato de devoção à nossa Senhora, tem como fim último o próprio Deus. Pelo Coração Imaculado de Maria queremos nos confiar inteiramente ao Filho, esposando os interesses do seu Sagrado Coração e fazendo deles o princípio e fim de nossa consagração. Por isso, intensificar nossa intimidade com a Virgem Santíssima, para por Ela chegar ao Filho.

37 Desejamos que o amor e a devoção a Virgem Santíssima nos coloque a serviço de Deus e da Messe abandonada. Queremos que nosso amor coroe nossa Santíssima Mãe com as obras de caridade que possamos, por seus méritos, viver em prol daqueles que o Senhor nos confiar. Entendemos que conhecer e admirar as virtudes de nossa Mãe, não seja o suficiente para cumprirmos nossa missão ou tê-la como alicerce de nossa espiritualidade. Reconhecemos a necessidade de um esforço pessoal, auxiliado pela Misericórdia de Deus, para que essas virtudes se concretizem em nossa vivência pessoal e comunitária, dando seus frutos na vida de oração e no apostolado.

- 38 Nossas comunidades reconhecem que a vivência das virtudes marianas é uma Graça que nos vem de Deus pela intercessão dessa Mãe de Misericórdia. Vivência que pede que nos empenhemos com todas as nossas possibilidades à uma vida ascese, de coerência, de entrega e abandono à vontade de Deus, como filhas amadas que todos os dias abraçam a Cruz e seguem com o Esposo Divino no cumprimento da missão.
- 39 A necessidade do aprofundamento de nossa espiritualidade mariana é um grito que ecoa de grande parte de nossas comunidades. Sentimo-nos carentes desse conhecimento que está nas raízes de nossa história congregacional. Sabemos que pessoalmente podemos nos empenhar em crescer nesse âmbito, mas entendemos que, enquanto Província podemos dar passos mais sólidos nesse caminho. Os temas marianos podem aparecer em nossas formações e retiros anuais, podem ser motivos de estudos para nossos DMECs, para nossas *Lectios Divinas*, para nossas leituras comunitárias e individuais.
- 40 Aprender no Coração Imaculado da Mãe a conhecer e amar o Filho como Ele merece ser amado por suas esposas é um convite que Deus nos faz desde o início de nossa história. Podemos dizer que nossa vida interior não será autêntica se não for alicerçada na presença materna de Maria, que nos gera em seu Imaculado Coração, para nos conduzir a Cristo e um dia nos entregar definitivamente ao seu Sagrado Coração. Essa intimidade com a Mãe nos traz a segurança de estarmos no caminho do Filho, e nos pede uma vida assídua de oração, de vivência das virtudes, de empenho em uma vida de serviço e doação por Amor a Jesus e não por interesses pessoais, de abertura e acolhimento diários para com a coirmã da comunidade, de uma sempre crescente pertença ao Instituto, enfim, de uma espiritualidade que envolva todas as dimensões da vida pessoal e comum da FDZ.
- 41 Precisamos aprender com sua maternidade a gerar Cristo para o mundo, a sermos mulheres consagradas que empenhamos nossa maternidade no cuidado com aqueles(as) que o Senhor nos confia. Com Maria queremos dar o nosso Sim a Deus todos os dias, renovando-o em cada experiência vivenciada, reconhecendo sua grandeza e fidelidade em nossa história pessoal e institucional, guardando no coração a determinação de prosseguir amando e gerando Cristo para a Messe sofrida e abandonada, confortando seu Coração Materno que sofre as dores do Filho e dos filhos crucificados de todos os tempos, associando nossas alegrias e sofrimentos ao Cristo Encarnado, Crucificado, Ressuscitado, no qual está nossa esperança de um dia, por esse mesmo Imaculado Coração, contemplarmos nos céus.

3 - ROGATE, O MANDAMENTO DO CORAÇÃO SANTÍSSIMO DE JESUS

1. O Rogate: como o apresentaria a uma jovem que busca conhecer o carisma e como o vivo na comunidade e na Igreja

- 42 O Rogate é o significativo mandamento de Jesus que tem como fim alcançar para a Igreja e o mundo, os operários necessários à evangelização desejada por Jesus, quando disse aos Apóstolos: *“A messe é grande, mas os operários são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários à sua messe (Mt 9,38; Lc 10,2)*. É um mandamento que expressa a compaixão de Deus por seu povo sofrido, cansado e abatido como ovelhas sem pastor. Uma preocupação de Jesus com a necessidade do povo e a falta de bons operários que, proferida dos lábios de Jesus, se torna para nós uma ordem, um Dom que expressa o Amor e o cuidado de Deus para com a Messe abandonada e que a nós interpela: *“Rogai”*.
- 43 Esta Divina Palavra, intuída por Santo Aníbal Maria Di Francia, tornou-se a motivação de sua vida e obra, colocando em evidência o primado da oração para obter as Vocações na Igreja. E, seguindo os passos de Aníbal, nós Filhas do Divino Zelo assumimos como uma regra de vida esta marca que nos caracteriza e nos identifica na Igreja: *Rezar, Propagar e Ser boas operárias*. Essas três dimensões que se traduzem em zelo, ternura, compaixão, conversão, serviço..., se concretizam a partir da experiência

de intimidade pessoal e comunitária com o Senhor, e se manifestam como pedido e um convite atual, urgente e exigente, que precisa passar por nosso coração para tornar-se carne em nossa vida. Para o Fundador, o Rogate é o remédio infalível, tesouro carismático que nos leva a ser e a pedir ao Senhor da Messe que envie os bons operários.

44 Acreditamos que, se tivermos a graça de obter muitos e bons operários, teremos uma sociedade mais humana, justa e solidária, pois, os operários são todos os homens e mulheres de boa vontade, que no seu cotidiano, buscam e se empenham no seguimento a Jesus Cristo, construindo um mundo querido por Deus e segundo a Sua vontade, onde reina a fraternidade e onde o pilar seja o amor que Jesus veio anunciar pela Palavra.

45 Compreendemos que, como depositárias desse dom precioso, o “Rogate”, somos chamadas, interpeladas e queremos, diariamente:

- Ser portadoras da ordem de Jesus, de rezar sem cessar por novos operários e pela perseverança dos mesmos na messe do Senhor.
- Ter atitudes de vida de quem faz a experiência de penetrar no Coração de Jesus e sentir com Ele a angústia/compaixão diante da messe madura, cansada abatida e sofrida.
- Deixar-se *ferir* pelo Amor de Deus e contagiar-se pela realidade da messe, colocando-se a serviço dela.
- Viver o Rogate como a centralidade da nossa missão carismática e apostólica expressa no nosso jeito de ser na Igreja.
- Acolher o carisma como Luz que ilumina os nossos passos no seguimento de Jesus Cristo Rogacionista.
- Ser filhas orantes que se fortificam na oração, na contemplação-ação, que compreende o rezar, trabalhar e divulgar a oração pelas vocações, buscando ser em primeira instância, as boas operárias do Reino.
- Vivenciar o Rogate como Graça de Deus que nos chama à corresponsabilidade.
- Assumir o quarto Voto que brota da Sagrada Escritura.
- Reconhecer o Carisma como Pérola, tesouro precioso que nasce da misericórdia e ternura de Deus.
- Acolhê-lo com Zelo e como cerne da nossa Consagração e missão.
- Testemunhá-lo com Amor, zelo e compaixão pela messe mais necessitada.
- Configurar-se a Cristo, que se doou pela salvação da humanidade.

46 Sabemos definir e apresentar bem o Rogate a quem queira nos conhecer, mas reconhecemos nossas fraquezas, limitações e imperfeições na ação do dia a dia. Nem sempre conseguimos agir da forma adequada, como desejamos e como o Senhor nos pede. Constatamos os desafios e dificuldades na vivência desse Carisma, ao nos questionar, refletir e tomar consciência que:

- É na intimidade com o Senhor que encarnamos o Rogate em nosso ser, mas muitas vezes o tempo que dedicamos à oração é insuficiente, a qualidade da mesma é limitada, e muitas vezes, o envolvimento nas atividades do dia a dia nos corrompe, sugando o tempo e as energias.
- Muitas vezes, nossa vivência do Rogate se resume à oração diária, à celebração vocacional e outros momentos celebrativos internos em nossas comunidades, mais como prática mecânica ou para cumprir regras.
- Outras vezes, esperamos que a outra faça algo ou aguardamos por uma ocasião, circunstância e lugar adequado e ideal para agir, esquecendo que o Rogate deve ser vivenciado em todos os lugares e situações onde somos chamadas a estar.
- Ou ainda, nos acomodamos e até nos privamos de nossa presença, naqueles locais onde já existem iniciativas e a preocupação com as vocações, enquanto talvez pudéssemos assumir uma parceria, unindo e somando forças.
- Esperamos que a Província ou a Superiora proponha algum estudo e não nos apropriamos do que temos em nossas bibliotecas para um aprofundamento pessoal.
- Nem sempre vivemos com ardor e zelo esta súplica pelos novos e bons operários, oferecendo nosso dia e nossas ações em prol das vocações.

- Nossa vivência comunitária nem sempre é fraterna e a nossa forma de viver na comunidade é questionada pelas jovens.
- O testemunho de Vida Consagrada que damos nem sempre é de uma vida de alegria e de realização pessoal.
- Precisamos, em algumas realidades, nos dedicar, nos empenhar mais a fazer com que a Igreja onde vivemos desperte para essa realidade, ou seja, conscientizar o povo sobre o projeto de Deus para a humanidade, onde cada pessoa é chamada de forma pessoal e eclesial a servir a messe.
- Em nossa vida, o carisma deve se traduzir em oração e ação levando em conta a sua eclesialidade.
- Muito frequentemente fazemos ou nos deparamos com questionamentos do tipo: Porque não temos vocações? Onde estamos errando? Nós que temos um quarto voto de pedir vocações, e estamos sem elas? O que está acontecendo, não estamos atraindo mais? Estamos falhando em algo?

2. O que devo ressignificar em minha vida pessoal e comunitária para que o Rogate seja mais transparente em minha espiritualidade e apostolado

47 Com unanimidade parece-nos que, para ressignificar o Rogate em nossa vida, precisamos priorizar dois aspectos: em primeiro lugar intensificar, melhorar e aprofundar o estudo do Rogate para melhor compreensão do mesmo. Em segundo lugar, penetrar no Coração de Jesus, ou seja, melhorar as condições e qualidade da nossa vida de oração e contemplação para nos embebermos de Seus sentimentos; nos colocarmos aos pés de Jesus e contemplar o seu coração, para com Ele, ver a messe necessitada e com Ele, implorar ao Senhor os bons operários. Somente assim, poderemos intensificar o nosso conhecimento de Jesus Cristo do Rogate, compreender o significado do nosso carisma e assumir o carisma com o coração repleto, fortalecendo e intensificando o nosso zelo apostólico pelo Rogate e pela messe.

48 Neste sentido, poderemos fazer como Santo Aníbal Maria que, em sua vida, em suas ações e em sua missão, exalava em seus poros e em seu respiro e colocava em evidência o mandato de Jesus: “Rogai”. Sem dúvida alguma, a convicção de nosso Fundador vinha de sua intimidade com o Coração de Jesus e também do seu contato, envolvimento e proximidade com a realidade, o dia a dia da messe abandonada.

49 Mediante tal atitude, temos a certeza de que, alcançaremos os frutos desejados:

- Criar em nós, uma cultura vocacional e carismática, internalizando e encarnando o Rogate em nossa vida para vivê-lo intensamente e fazer transparecer o amor, a paixão por ele e assim, divulgar e propô-lo com entusiasmo, contagiando as pessoas ao nosso redor.
- Viver com espírito alegre e feliz a vocação recebida e consagração assumida, deixando exalar o carisma com a vida e as atitudes.
- Vivenciar o espírito de amor fraterno, a prática dos sacramentos, a direção espiritual.
- Amar verdadeiramente Jesus e Maria e nos tornarmos desapegadas e mortificadas.
- Acreditar de coração na força do Rogate fazendo dele o ideal de nossa vida e missão.
- Integrar no cotidiano essa missão, comprometendo-se em ser presença carismática viva e ativa, em toda e qualquer realidade onde estejamos.
- Concretizar e alimentar o amor, o zelo, a ternura e a compaixão, através do exercício do silêncio, da escuta, da oração, da obediência, da pobreza e da vida interior.
- Cuidar e valorizar o Rogate como guardiãs de um grande tesouro, conscientes de que se não cuidarmos, ele será “entregue a outros vinhateiros”.
- Reconhecer que o carisma nasce primeiro em cada coração e só a partir daí poderá ser vivenciado e expressado comunitariamente.
- Reconquistar a esperança e o espírito de confiança na promessa do Senhor.
- Atender com amor e cuidado as necessidades dos pobres e de toda a Igreja com compaixão.
- Abrir-se à realidade eclesial, através da participação na Igreja, do entrosamento e compartilhar com os leigos.

- Assumir o compromisso de rezar e ajudar os nossos sacerdotes em sua missão ao invés de criticar e condenar.

3. Aspectos dessa dimensão da espiritualidade FDZ: fortalecer pessoal e comunitariamente

50 A nossa espiritualidade é itinerário de santidade devido à inteligência e o zelo pelo Rogate, como foi vivido pelo Padre Fundador e transmitida como patrimônio para o Instituto, que faz de nós Filhas do Divino Zelo uma oração vivente e mendicante dos operários do Evangelho para o Reino de Deus¹. O zelo pelo Rogate é o zelo pelos interesses do Coração de Jesus, traduzido em ação junto à messe. Nesse sentido, o Rogate deve estar internalizado em nosso coração e em nossos lábios, fazendo parte do cotidiano de nossas vidas, por meio da intimidade com Deus, da abertura e docilidade às Suas inspirações.

51 Mediante as respostas vindas das comunidades, trazemos presente elementos essenciais para nossa espiritualidade FDZ. Elencamos pontos que acreditamos ser necessários fortalecer em âmbito pessoal, que se estenderá também ao comunitário:

- A intimidade com o Senhor, através da oração, alargando assim, a tenda de uma vivência solidificada pelo encontro com o Senhor e a convivência junto às coirmãs, como sustento para a vocação e o apostolado.
- A caminhada espiritual na busca da santidade: retomando nosso percurso espiritual nas três dimensões de nossa identidade espiritual: cristológica, mariana e rogacionista, intensificando nossa consciência de comunhão.
- A dimensão orante de nosso carisma, na oferta da vida e dos sacrifícios pessoais.
- Alargar e intensificar o zelo pelo remédio que Padre Aníbal deixou como herança do próprio Jesus.
- A docilidade e disponibilidade as inspirações do Senhor para a vivência ascética dos votos, das virtudes para sermos amantes dos ensinamentos de Jesus e de Maria, pois é impossível amar a Jesus e não amar a coirmã; devemos viver com autenticidade a Palavra que cura, transforma e salva.
- Ser presença carismática na Igreja e no mundo. Torná-lo universal. Anunciar a tal ponto que todos possam saber que é um pedido de Jesus e não nosso.
- Intensificar a oração/apostolado. Viver esta dimensão evangélica com alegria e paixão.
- Cultivar o zelo pelo Rogate, “marca registrada”, e fio condutor de nosso agir.
- A fidelidade aos compromissos assumidos, sendo receptivas ao Senhor, que nos chama a cada dia, e acolhendo Seus apelos.
- A autenticidade na vivência do Carisma.
- Assumir nosso carisma em todas as atividades que exercemos e transmiti-lo da melhor forma.
- Aproveitar as oportunidades para divulgar o carisma e torná-lo conhecido e não ter medo de enfrentar os desafios e exigências da missão.
- O estudar e conhecer mais o carisma.
- O estudo da Palavra Sagrada para esvaziar-me de mim e deixar transparecer a vida de Deus, ou ao menos o desejo de viver mais a vida mergulhada nEle!

52 Cristo se revela e nos forma na vivência comunitária, pois, o zelo e o cuidado passam primeiramente pela outra, a messe mais próxima de nós. “Aquele que não ama, não conhece a Deus, porque Deus é Amor” (Jo 4-8).

(...) É por força da Graça, em particular, que homens e mulheres, como todos os outros, embarcam numa aventura particular: aquela de viver juntos, não por vínculos de sangue e afinidades naturais, mas unicamente porque um mesmo chamado do alto os reuniu juntos e os fez irmãos e irmãs, desafiando de alguma forma as leis da convivência humana e os seus rigorosos critérios eletivo-seletivo. A vida comum dos religiosos é a prova pública de que isto é possível, que o desafio pode ser vencido por força da Graça, ou na medida em que aquele amor que fez o homem capaz de se relacionar se coloca verdadeiramente na origem da escolha de consagrar-se, ou o torna capaz de tal decisão.” (CENCINI, Amedeo. Seminário: “Relações Humanizadoras e Solidárias”. Brasília/DF- 2017).

¹ Cf. Const. p. 21.

53 Para nós, FDZ, o que nos fortalece na vivência do Rogate, enquanto comunidade é:

- Intimidade com o Senhor, acolhimento de Sua Palavra diária, para imprimir em nosso coração e encarnar na vida os frutos de Seu amor.
- Comprometimento com o mandamento-tesouro de Jesus, tornando-o universal e abraçado em nossos corações.
- Sermos mais presença nas comunidades da paróquia.
- Sermos testemunho e zelo, atraindo mais pessoas para a oração pelos bons operários, comprometidas com o seguimento radical do Cristo do Rogate.
- Priorizar os momentos de oração, Eucaristia, leitura espiritual, retiros e outros conteúdos que nos são oferecidos pela Província e Instituto.
- Estudar os escritos do Padre Fundador.
- Apoiar-nos mutuamente para que a missão FDZ se realize, apesar da diminuição das forças.
- Credibilidade, confiança e a sinceridade no diálogo.
- Trabalhar os nossos defeitos, sendo mais dóceis e compreensivas umas com as outras, esforçando-nos para não tornar pesada a vida de nossas comunidades.
- Compreender nossa fragilidade e a das coirmãs.
- Não compactuar com o sistema opressor, pois quando nos omitimos diante de situações de injustiças, de alguma forma estamos sendo coniventes.
- Ajudar as coirmãs, incentivando-as, em vez de criticar.
- Amar a vida de união com Deus e as coirmãs.
- Sermos mais simples, humildes; saber ceder um pouco mais.
- Buscar o bem comum. Esforçarmo-nos para viver a fraternidade à luz do Amor de Deus.
- Reconhecer, considerar a condição real daquelas que caminham conosco, sem sermos invasivas em sua intimidade.
- Priorizar tempo, espaço, para dividirmos nossa própria história de vida.
- Cultivar o sentido de pertença, oração e união; não podemos nos negligenciar, precisamos ser honestas.

4 - COMUNIDADES FRATERNAS

1. Minhas virtudes que contribuem para uma vida fraterna santificante e os vícios que preciso corrigir

54 Constata-se, em nossas Comunidades, o imenso anseio de se viver a fraternidade em nossas casas religiosas, transformando-as em Comunidades de Vida fundamentadas nas relações pessoais orientadas, sobretudo, pelo amor, não somente o amor-sentimento, mas o amor-vontade, decisão e atitude.

55 O amor fraterno expresso nas relações entre as Irmãs da comunidade é um sinal da presença de Cristo e sendo assim, deve ser buscado com todos os meios disponíveis para ser alcançado. Nossas Constituições destacam que cada Irmã a partir do momento em que é ciente de que é chamada a realizar a sua vocação na comunidade, deve contribuir fraternalmente para que cada membro corresponda à sua vocação e nela persevere.²

56 Deste modo, a responsabilidade pessoal é grande, pois, além de responder à própria vocação, cada uma deve ajudar a outra a também responder ao chamado do Senhor, oferecendo sua riqueza humana e espiritual na vida comunitária, ou seja, contribuindo com suas virtudes no crescimento de toda a comunidade.

57 Dentre estas virtudes, elencamos algumas. Primeiramente, se destaca a disponibilidade para servir entendida como prontidão, colaboração, entre ajuda, zelo, espírito de cooperação e dedicação, que

² Cf. Const. p. 50; 51

reflete o sentimento de pertença, o empenho em oferecer o melhor de nós mesmas diante das necessidades que surgem. Ser disponível é colocar-se em atitude de atenção, de ajuda, de um ultrapassar-se a si mesma para tomar iniciativa antes e quando é solicitada, é estar pronta para assumir o que lhe for pedido ou diante de uma necessidade que surgir e que precisa ser assumida.

58 O amor fraterno é expresso nas mais variadas formas: quando somos capazes de acolher e aceitar a outra como ela é, na sua individualidade e diferença; quando nos esforçamos para viver a caridade, buscando ver na outra o próprio Cristo, através do respeito, da compreensão, da escuta e da atenção às necessidades da outra, principalmente quando ela mais necessita.

59 Em nossas atividades e missão, devemos nos sentir extremamente responsáveis, nos dedicando de corpo e alma à missão a nós confiada e nos empenhando a dar sempre o melhor, na dedicação diária, na doação, no sentido de pertença, na perseverança e no desejo de sempre acertar.

60 Algumas virtudes existentes entre nós nos ajudam a fortalecer nossa caminhada, principalmente na vivência comunitária: a sociabilidade, a capacidade de silenciar nos momentos de atritos, a fidelidade ao chamado, a simplicidade nas atitudes, a bondade de coração, a sinceridade, o otimismo, a humildade, a tolerância e a capacidade de perdão. Podemos ainda contar com o entusiasmo, a alegria, a solidariedade e participação atenta, ativa e comprometida que provoca o prazer de estar juntas em comunidade e de “voltar para casa”.

61 A oração que nos alimenta e nos fortalece em nosso dia a dia. É através do silêncio e da meditação da Palavra que alcançamos a intimidade com Deus, escutamos a Sua voz e aprendemos também a escutar a outra, a exercitar a nossa paciência, a manter o autocontrole diante de nossas emoções, a nos conhecer mais, a reconhecer nossas limitações, e trabalhar naquilo que não nos deixa ser melhores. Sem dúvidas, é a oração que nos mantém de pé, que nos fortalece na busca de realização de nossos sonhos e objetivos, nos faz persistentes na busca da justiça, da igualdade, nos faz sensíveis às necessidades do outro e aumenta a nossa fé e paixão pelo Reino.

62 Estas são as virtudes vividas no nosso dia a dia que demonstram o nosso amor pelo Instituto, o nosso desejo de responder ao chamado que Deus nos faz e o nosso anseio por uma convivência realmente fraterna. Contudo, todas estas virtudes se entrelaçam a um emaranhado de vícios, que muitas vezes, abafam e/ou sufocam as virtudes. Alguns desses vícios e fragilidades tantas vezes obscurecem a nossa vida e nossas relações na vida comunitária e precisam ser corrigidos.

63 Está em evidência a nossa falta de paciência. Somos impacientes conosco mesmas, com o/a outro/a, somos invadidas pela agitação, precipitação, impulsividade, pressa no falar, no agir..., fato esse que nos faz intolerantes umas com as outras em alguns aspectos.

64 Outro vício que se destaca é nossa tendência à críticas: reconhecemos que os comentários negativos, que envolvem a nossa não aceitação da/o outra/o, do diferente, precisa dar espaço a atitudes mais nobres, banindo as fofocas, os rótulos depreciativos, voltando o nosso olhar para dentro de nós mesmas, evitando julgamentos e pré-julgamentos, cobranças, asperezas e rispidez nas relações, desrespeitos, incompreensões, falta de caridade, de acolhida, aceitação e diálogo.

65 É também expressivo o individualismo, que se mistura ao egoísmo e, por vezes, à falta de compromisso com a comunidade. Destaca-se ainda o perfeccionismo, o ativismo e a preocupação exagerada com o trabalho que conseqüentemente prejudicam o tempo de oração, de estudo, de descanso e repouso. Não com menos força, aparece o autoritarismo, que muito frequentemente nos coloca em situação de centralização de poder e busca dos próprios interesses.

66 Sabemos perfeitamente que o fechamento muito nos atrapalha. Por isso, sentimos necessidade de vencer o medo de expor ideias, de ter mais abertura para acolher a/o outra/o nas diferenças e na diversidade de pensamentos e atitudes.

67 Reconhecemos que viver a vida comunitária não é fácil. Precisamos nos esforçar para superar os percalços buscando em Maria a porta de entrada o modelo de quem “guardava tudo em seu coração” e dizia: “fazei tudo o que ele vos disser”. Precisamos pedir a graça de Deus, para superarmos: o comodismo, quando este nos domina; a falta de humildade, o orgulho, a mediocridade, a imprudência, a indiferença, a desumanidade... Encontramos sim, dificuldades e desafios na convivência fraterna diária, mas, no fundo, podemos afirmar que nos amamos, nos queremos bem, só não conseguimos expressar, demonstrar no cotidiano. E, para que a nossa vida seja mais eficaz e possamos testemunhar a verdadeira fraternidade, precisamos equilibrar as várias dimensões da vida consagrada: oração, estudo, apostolado e lazer/descanso.

2. Aspectos da vida espiritual, afetiva, psicológica, acadêmica, entre outros, a serem reforçados para que a vida fraterna seja mais qualificada, e os recursos a dispor para isso

68 A comunidade fraterna é composta por pessoas humanas com dons, fragilidades e limitações. Precisamos diariamente nos converter, e a conversão é pessoal. Reconhecemos nossas fraquezas, mas também reconhecemos nosso desejo de viver melhor e de construirmos comunidades verdadeiramente fraternas e, para isso, consideramos ser de suma importância:

- Priorizar, organizar melhor e fortalecer a nossa vida de oração. Precisamos intensificar o cuidado com nossa vida espiritual e qualificar este tempo, para que possamos através da experiência de intimidade com o Pai, na meditação, oração pessoal e comunitária, na *Lectio Divina*, na partilha da Palavra e da vida, na leitura espiritual, nos retiros, buscar a santidade de vida, modelando-nos na ternura, na compaixão e no zelo do Coração de Jesus, que nos ama e nos chama, tendo ainda como modelo, nossa mãe Maria, que nos ensina a “Fazer tudo o que ele nos disser”.
- Para consolidar nossa fé e fortalecer nossa espiritualidade, reconhecemos ainda a necessidade de concretizarmos o projeto de vida pessoal e comunitário, buscarmos frequentemente os sacramentos, especialmente da reconciliação, participar da Eucaristia com mais devoção e consciência, e buscar a direção espiritual.
- Consideramos também importante a prática de boas leituras espirituais e formativas, assim como o aprofundamento e formação acadêmica, documental, espiritual-carismática, que proporcionará crescimento pessoal e comunitário.
- Para que a vida de oração possa, de fato, transformar a nossa vida ou nos transformar, precisamos cuidar também da nossa dimensão humano-afetiva. E para isso, é indispensável o trabalho interior, para que, a partir do autoconhecimento, possamos buscar viver com mais qualidade, intensidade e serenidade os desafios da vida diária, da convivência, das relações fraternas e da missão, e vivermos com autenticidade a Vida Consagrada. Vida esta que será pautada pela simplicidade, equilíbrio frente às dificuldades, superação dos medos, enfrentamento dos obstáculos e esvaziamento de si mesma, deixando florir tudo de belo que há em nós, ou seja, todas as nossas virtudes, e assim testemunhar a conformação a Cristo.
- Respeitando-se e respeitando a outra, amando-a e acolhendo nas suas diferenças e individualidade.
- Partilhando a vida e compartilhando os dons e criatividade.
- Estabelecendo o diálogo, a amizade, a escuta e a compreensão que edifica.
- Demonstrando interesse pela vida comunitária.
- Experienciando a paz interior, fruto da abertura nas relações, do diálogo, da confiança e da sinceridade.

3. Aspectos a serem melhorados em nível pessoal e comunitário

69 Tudo o que vem em destaque aqui, pode-se afirmar que serve tanto para o pessoal quanto para o comunitário, pois, um é parte do outro; não existe o comunitário se não for composto pelo individual. É o meu agir individual que será refletido no comunitário.

Pessoal e Comunitariamente

70 Qualificar a vida de oração - uma oração mais centrada em Deus, no outro e na natureza:

- Empenhando-se na vida de oração e partilhando mais a Palavra e a vida, permitindo e acolhendo a sua ação transformadora.
- Vivendo o verdadeiro espírito da Consagração, buscando a união com Deus e com os irmãos;
- Vivenciando a prática dos sacramentos.
- Rezando mais em meio às crises e diariamente, umas pelas outras, colocando em prática os frutos da oração.
- Vivendo o Rogate na oração, nas atividades diárias, no apostolado e com todos que nos cercam;
- Equilibrando oração, estudo, trabalho e lazer.
- Colaborando com o clima de oração, com o silêncio comunitário e nos momentos de orações comuns.
- Pedindo a graça de obter os sentimentos de Jesus: compaixão, misericórdia, amor e zelo para com a outra.

71 Construir relações de fraternidade contribuindo para criar um clima alegre, descontraído, mais humano, acolhedor e aberto ao diálogo e ao respeito:

- Vendo nas outras a pessoa de Cristo, amando-nos e respeitando-nos mutuamente.
- Assumindo-nos, vencendo os medos internos e sendo perseverantes no enfrentamento das dificuldades.
- Esforçando-nos na corresponsabilidade pelo bom andamento e bem comum e fraterno, respeitando e cumprindo os compromissos e horários assumidos.
- Estando mais atentas às necessidades da outra, assumindo as próprias responsabilidades para não sobrecarregar ninguém e sabendo renunciar aos próprios interesses, quando necessário.
- Melhorando a comunicação e a partilha, favorecendo o diálogo, a credibilidade, a confiança e vivenciando com sabedoria o saber escutar e o saber silenciar.
- Cooperando para uma relação de confiança, afeto, perdão, igualdade, tolerância, compreensão, justiça, evitando julgamentos, cobranças, comparações, disputas de poder e críticas, colaborando para uma vida comunitária mais leve e alegre.
- Reconhecendo e acolhendo os limites, fragilidades e qualidades para uma melhor convivência fraterna, sendo compassivas, simples, humildes, sinceras, pacientes e imparciais com todas/os.
- Cuidando da saúde física, mental e espiritual de nós mesmas e ajudando as outras a cuidarem de si próprias.
- Oferecendo e pedindo ajuda, atentas à gratuidade nas relações e aprendendo a ceder quando necessário e possível.
- Estando atentas às pequenas coisas, buscando sempre o respeito, o diálogo, o perdão, a vida de comunhão com quem está ao lado, acolhendo a outra com fé e como instrumento de Deus.
- Dando mais tempo para estarmos juntas de forma gratuita, despreziosa.
- Partilhando com mais frequência a beleza da missão.
- Estando presentes nos momentos de celebração e movimentos da paróquia.
- Estudando mais os “documentos da Igreja, os projetos do Instituto, da Província e da Comunidade”.